



O Gaiato

16 DE SETEMBRO DE 1972

ANO XXIX — N.º 744 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Aqui Lisboa

Acaba de chegar o 112.º pedido de admissão de Rapazes durante o ano que corre. Onde quer que vamos, e não só aqui em Casa, logo aparecem os pretendentes... Parecendo que não, estes «assaltos» muito nos contudem, não só por não podermos valer aos casos expostos mas por sentirmos que as necessidades se avolumam cada vez mais. O desenvolvimento económico-social vai-se processando, enquanto, em contrapartida, se vai deteriorando o nível moral e espiritual. Os lares desfeitos, os pais demitidos, os filhos incógnitos, etc., são, entre outros, no número e na qualidade sinais claros do que afirmamos.

A sociedade perfeita que muitos utopistas parecem vislumbrar, à maneira de sebastianismo, é um mito irrealizável. Nem as sociedades ditas de consumo ou tecnocratas do mundo capitalista ou as sociedades socialistas na sua expressão mais evidente poderão esquecer o Homem, com os seus defeitos, as suas limitações e as suas quedas, tão essenciais à sua natureza como as suas virtudes, os seus voos e as suas qualidades. Pressuposta a libertação da



Um sorriso que se perdia pelas ruas e se perderia.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

LOURENÇO MARQUES

Se é tarefa apaixonante trabalhar para os Rapazes da rua, fazê-los a nossa vida — deixando que absorvam todas as horas do nosso dia e suportando com resignação as suas falhas — já não é tão atraente a de pedir para eles; de pedir à sociedade que pare e veja; de pedir aos homens que tirem um momento à sua real ou aparente atarefada vida, para conhecerem e medir as suas necessidades.

Há-os que fogem de nos receber, por tomar como importuna a presença do padre, quer porque não acreditam nele, quer porque a palavra que leva, os incomoda — não têm a consciência tranquila. Há-os que atendem, ouvem e prometem, mas só a muita insistência e consequente perda de tempo, tão nociva a quem anda nesta vida, os faz decidir. Há os raros que ouvem e abrem o coração. E quando se topa alguém assim, toda a nossa amargura se dissipa e se renovam as forças para continuar.

Recebemos, há dias, um cheque, de longe, com 25 cêntimos. Alguém bem perto de nós pelo coração. Faz dois pedidos: «que se esqueça tê-lo recebido, que conserve o anonimato». Dá vontade de ficar de joelhos, diante do Senhor dos corações.

Temos passado horas de angústia, com as necessidades actuais na construção da Aldeia.

Cont. na QUARTA página

Uma carta

«Meus bons Amigos

Quando, há já muitos anos, assinei «O GAIATO», fi-lo para responder apenas ao apelo de um Amigo meu, sem intenção alguma, confesso, de manter por muito tempo a assinatura. É que nem sequer professo religião conhecida, embora sendo devotado admirador dos seus princípios que informam a doutrina de Cristo.

Mas comecei depois a ler o pequeno GRANDE jornal de ponta a ponta com enternecimento, e tive em seguida a honra de conquistar a simpatia de Pai Américo, que passou a ser um grande Amigo meu.

Era rara a semana em que deixava de ir a Paço de Sousa e foi sempre assim até ao dia do desastre de que resultou a perda para o Mundo de Pai Américo. Senti então uma dor enorme como se tivesse perdido um dos entes mais queridos da minha família e, durante muitos anos, nunca podia falar de Pai Américo sem que os olhos se me marejassem de lágrimas. Não mais tive coragem de voltar a Paço de Sousa.

Bem sei que o mais importante é a Obra que Ele nos legou e que o amor pela criança é afinal tudo e a única razão de ser deste nosso estremer de comoção. Bem sei; mas há coisas que são superiores às nossas forças... «O coração tem razões que a razão não conhece».

Agradeço o «Ísto é a Casa do Gaiato» que tiveram a bondade de me enviar e voltei a ler com a mesma comoção de sempre, e apesar de já possuir a primeira edição com a dedicatória do inesquecível Pai Américo.

Muito e muito obrigado! Aceitem o testemunho da minha maior afeição e creiam-me sempre amigo devotado...»

Iamos falando da nossa esperança na simplificação, na eficiência, na fecundidade que há-de trazer ao problema da morada dos Pobres a nova Secretaria de Estado de Urbanismo e Habitação.

E queríamos pedir-lhe que promovesse sinceramente a construção de casas: não só nos meios urbanos, mediante blocos espectaculares, promissores de vistosas imaginações; mas nos meios rurais, respondendo àquela primária e salutar ambição do homem que ainda não emigrou, de ter a sua casa, com todos os meios positivos que o ajudem, porém, a principiar pela renovação de todos os intermédios negativos que o estorvam.

Parece-me evidente conclusão, para quem observa o contraste de tantas casas novas e airozas, em aldeias só de mulheres, de velhos, de crianças — que o interesse primeiro dos homens válidos que partiram é a sua casa, na qual investem os primeiros frutos das suas sacrificadas economias.

E, se nem só de casa vive o homem, a verdade é que ela é problema tão afilivo como o pão. E uma casinha suficiente

PATRIMONIO DOS POBRES

e digna, com um pãozinho também suficiente, embora não muito bem adubado — fará pensar, duas vezes, o homem que ainda está, se valerá a pena partir.

Já invoquei a fórmula de Pai Américo para ilustrar a minha fé na grandeza real das coisas que começam pequeninas. Não vamos pois pensar na grandiloquência de «plancos de fomento» no que respeita à habitação rural. Não serão possíveis grandes verbas para comparticipação em auxílios, reversíveis ou não. Mas, onde o problema do terreno ainda não é utópico:

- tirar o bedelho ao Fisco que chupa tanto sangue de Pobres;
- isentar de licenças, de papel selado, do «venha cá hoje» e «volte cá amanhã»,

escutados de dentro dos «guichets» da Burocracia;

- fiscalizar a qualidade minimamente exigível das construções, sim; não praticar a caça à multa. E depois — ou antes! — pôr a funcionar gabinetes técnicos;
- que forneçam, gratuitamente projectos e cálculos, estudados sensatamente, de acordo com as possibilidades e condições regionais;
- que forneçam projectos e vão pelas obras orientar, ensinar, corrigir — não multar, não demolir, não impedir a habi-

Cont. na QUARTA página

TRIBUNA

de Coimbra

O José Augusto de dez e Eduardo Jorge de seis anos vieram há dias da serra da Estrela. Veio o pai trazê-los. Que lindos olhos eles têm! Querem andar sempre agarrados um ao outro.

A mãe faleceu há quatro meses quando deu à luz do mundo o décimo primeiro filho. O mais velho dos onze tem 17 anos. A filha de 12 faz agora as vezes da mãe.

O pai é operário fabril. Veio, em sua aflição, pedir-nos socorro. Obrigou-nos a aceitar os dois mais habituados à rua. Queríamos antes ajudá-lo a ficar com os filhos. — «Trabalho por turnos. Tenho dias seguidos em que não ponho os olhos nos meus filhos».

Venceu. Tinha de vencer mesmo, pois para aceitar onze filhos e a morte da esposa teve de vencer o próprio egoísmo.

No dia seguinte ao da vinda o mais pequenino chorava com saudades do pai e o mais velho chorava com pena do irmãozito. Que pérolas preciosas me pareceram aquelas lágrimas tão inocentes e tão verdadeiras!

Sempre que os vejo sinto amargamente o vazio dos casais que não querem filhos, aqueles que querem só um, e outros que não podem com mais de dois. Os filhos mimalhos que não choram pelo pai; que não se agarram aos irmãozitos; que não gostam dos papás e das vóvós e das titis e batem nas criadas; que não podem ser contrariados nos seus caprichos. Lamento a situação destes e aceito, com alegria, a sorte dos outros. A

renúncia é ainda a grande forja da herocidade.

O Quim, que é agora o mais pequenino, depois de me dar um beijo, abraçou-me pelos joelhos e, fitando-me nos olhos, perguntou:

— Tu queres ser o meu pai? Embora o Quim ainda não fale bem eu entendi. Sorri e respondi-lhe:

— Que remédio tenho eu; quero ser o teu pai e quero ser o pai dos outros meninos.

E o Quim muito sorridente segredou-me:

— Olha, sabes? Eu já tenho mãe; é a Maria da Luz.

A Maria da Luz é mãe dos nossos há 25 anos. O Quim, que não conheceu nem o pai, nem a mãe, que foi encontrado aos três meses na barraca, fez agora a sua grande descoberta e a sua grande conquista e apreço a novidade a toda a gente.

O Quim, na sua voz muito infantil e inocente, é a voz de todos os inocentes que têm direito a ter pai e a ter mãe. É uma voz de justiça. É uma voz condenatória e não suplicante.

Pudera eu ser pai de todos aqueles que o não têm e o procuram! Pai de todos os da situação do Quim! Pudera sê-lo. Queria eu desagrar a injustiça de todos os que são pais e o não querem ser! Homens esfarrapados que espezinham os que se não podem defender.

O convite do Quim continua a ferir-me o coração.

Padre Horácio

Há tanto tempo que nem sei... Desta vez foram as festas o motivo desta ausência. Correram tão bem as nossas festas! Foi a primeira vez. E para começar as terras distantes da Lunda — 900 Kms. Lá fizemos cinco espectáculos. O carinho e os mimos que os nossos amigos do Lucapa, Dundo e Andrada nos dispensaram ficou gravado nos nossos corações. Se o dinheiro nos faz falta para continuarmos a construir a nossa Aldeia — muito mais temos necessidade de amor para, em cada rapaz, construirmos o homem. Depois, foi Cambambe, Dondo, Cela, Gabela, Salazar, Cacusso, Quicuiungo e Bolongongo. Encantados com todos que tão bem nos souberam acarinhá-los. Finalmente, Malanje, no Cine novo; cheinho e quente. Que bom! Na fila da frente vimos o nosso governador e o nosso bispo no meio de todos (com dois bilhetinhos pagos...) com tanta simplicidade! Este gesto simples nos cativou.

E pronto. O produto das festas vai tapar alguns buracos e fazer, em Outubro, os allcerces da nossa nova habitação.

xxx

O problema do leite faz-me doer a cabeça. Todos os dias leite para oitenta! Há dias uma senhora da Cáritas disse-me que fizesse um papelinho a dizer o que nós precisávamos. Fui para casa. Tirei o papelinho da gaveta e escrevi: «Vacas que dêem leite». Vão rir-se de mim... e que farão ao papel?

xxx

A Companhia dos Diamantes ofereceu-nos um tractor de lagartas ainda em bom estado.

Foi para nós um acontecimento feliz. Ficamos todos criancinhas diante dele, como a não acreditar e a ter medo

MALANJE

que ele levantasse voo e fosse para outro sítio. Fomo-nos aproximando, apalpámos, o Manuel pôs a trabalhar, e fomos dizendo aos amigos: «temos um tractor».

Passado um mês já aprendeu o Zé a manobrá-lo. Mais homem! Mais confiança no futuro! Só por isto valeu a pena.

Para além do trabalho que realiza é para nós um instrumento de valorização.

O nosso bem-haja à Companhia dos Diamantes.

xxx

Hoje meditei o nosso «O Gaiato» 737.

Primeiro a morte do Barbosa nestas terras de Angola. A carta de P.e Acílio ao filho já morto é linda e comoveu-me.

Depois Pe. José Maria no seu «Lourenço Marques» a fazer

-nos um contraste vivo entre o dinamismo e progresso de uns e a inércia e atraso de outros.

E é. E todos com o mesmo sol, a mesma terra, a mesma fertilidade.

Quando penetro nas sanzalas distantes e não vejo ali nenhum objecto que diga progresso, comodidade e bem estar, fico desolado. As mesmas cubatas de terra e capim, as mesmas tarimbas de paus ou tábuas e o luando em cima; os processos normais e antigos de cultivar sempre e só a velha mandioca, umas mibangas de milho e feijão.

Porém o contraste maior está nas cidades entre os muceques e a cidade dominadora. Não queremos ver ou convêrnos passar ao lado?

Padre Telmo



Festas — A hora em que escrevemos, estivemos no Monumental de Benguela, em Novo Redondo e no Lobito. As salas de espectáculo encheram-se. Há dois anos, foi o último encontro nas mesmas salas. Embora a ausência não tenha sido muito longa, sentimos de um modo pouco vulgar como era desejada a nossa Festa. A busca de um lugar na sala; a tristeza por não haver mais lugares; as lágrimas dos filhos que queriam ir, mas já não havia bilhetes; as aflições dos pais mais atrasados; a alegria de todos os que estavam lá

dentro, fizeram das nossas Festas verdadeiros encontros de família. Foi assim em Benguela, em Novo Redondo, no Lobito. Pediram que voltássemos. Diante de nossos olhos, um cartão que diz: «Estou em Angola há 24 anos. Fui 3 vezes ao cinema, mas se mandar repetir o espectáculo, com todo o gosto lá irei novamente. Gostei muito e, compreendo as razões de não poder ser todos os anos. Quem ama a Obra que é de todos nós, como eu, pela graça de Deus a amo, pede que mande repetir o espectáculo que foi um encontro a principiar pelos «Batatinhas».

E voltaremos ao Monumental de Benguela no dia 11, à mesma hora; e ao Lobito no dia 18, também à mesma hora.

Onde estará o segredo destes «êxitos», como se diz modernamente? No nível artístico do espectáculo, no seu conjunto? Também, com certeza. A sua preparação é objecto de muito cuidado e custa muito tempo. Um período de cerca de 3 meses. E esta é uma das razões que nos leva a aparecer apenas de 2 em 2 anos. Mas será apenas isso? Creemos que não. Consciente ou inconscientemente as salas de espectáculo enchem-se de gente para ver uma maravilha de Deus, que se serve dos homens e de uma Obra que é d'Ele. Outro cartão a dizer: «Para Obras de Deus é obrigação colaborar dentro das posses de cada um». Ai de nós; ai da Obra da Rua se aparece com outros títulos diante dos homens! Mensageiros queremos ser. Por isso, no fim do espectáculo, ao agra-

Padre Luiz

Cont. na TERCEIRA página

Aqui LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

escravatura da miséria material, muitos caminhos de emancipação há a ter em conta e não menos importantes, antes pelo contrário, se é que se possa pensar no primeiro aspecto sem ter em conta os valores do espírito.

Pede-se hoje ao Estado, e muito bem, que organize e tome a seu peito as responsabilidades assistenciais na sua máxima capacidade. Trata-se duma exigência inerente às funções do executivo da «res publica». Mas organizar e tomar a peito as responsabilidades assistenciais não implica exclusividade, antes supõe es-

timular e ajudar as Instituições capazes de realizar obra válida. Infelizmente, nem sempre isso se verifica, como se até o Estado pudesse, para já ou alguma vez, por si só, arcar com todos os problemas e encargos, decretando outrossim a generosidade, a dedicação, o espírito de sacrifício e o esquecimento de si próprio por parte de cada um dos profissionais da assistência, isto sem menosprezar o exemplo de tantos dos seus servidores.

Entre as Instituições particulares ocupam relevante importância as da Igreja, vivendo por vezes em precárias circunstâncias materiais, sem dúvida, mas realizando trabalho que, em muitos casos, está longe de ser superado por outras, com maiores recursos financeiros e técnicos. É que o apostolado incarnado em acção social dispõe, em regra, da maior das técnicas, o Amor, como diria Pai Américo. E apenas o Amor é capaz de

levar a uma entrega total nas vinte e quatro horas do dia, em desvelo, carinho e paciência, numa convergência de forças físicas e anímicas que só uma vocação comporta, superando deficiências e ultrapassando dificuldades. Ajudar e estimular, pois, o trabalho das organizações assistenciais da Igreja, em vez de as absorver ou manietar, é um imperativo de justiça por parte do Estado. Isto sem esquecer a defesa de Valores que pela palavra escrita ou falada ou ainda por outros meios é realizada pelas Obras da Igreja, em ordem a uma Sociedade mais justa e mais fraterna.

Se bem que as vocações vão rareando, trazendo ao próprio Estado problemas tremendos, quer na ordem humana quer no aspecto financeiro, continuam e continuarão como imprescindíveis e actuais as obras assistenciais da Igreja, situadas, aliás, na linha da sua acção apostólica. Acarinhá-las ou fo-



PELAS CASAS DO GAIATO

LOURENÇO MARQUES

Há momentos na vida em que os problemas são lembrados por alegrias que me comovem do fundo do coração. Por vezes custa-me ouvir o nosso padre José Maria a lamentar-se por falta de dinheiro. Foi há poucos dias que nos dizia, que só tinha dinheiro para pagar as férias do pessoal para mais duas semanas. Que não sabia como pagar as dívidas feitas na cidade. Lamentava-se que já andava há duas semanas a ir constantemente para a cidade pedir e que nada conseguia. Em todos estes momentos, diz-nos para termos esperança que Deus nos atende.

Hoje, ao abrir a correspondência, estávamos já nós no almoço, quando padre José Maria nos recomendou para o ouvirmos. Emocionado nos dizia que tínhamos recebido uma carta com um cheque. Este senhor que nos acudia neste momento de grande aflição é da Metrópole, de Lisboa. Este anónimo que nos ajudava lá de tão longe e que nunca nos viu, pedía-nos um grande favor: que ignorássemos o seu nome. Que alegria nós sentimos por este senhor que lá de tão longe se lembrou de nós! Fazer bem sem olhar a quem! É um ditado já muito velho, mas que para este caso não serve por sermos nós que recebemos e não o conhecemos.

Estou a lembrar agora de há uns anos atrás em que eu queria um naco de pão para comer e não tinha; que não sabia o que era roupa em condições no meu corpo e que acima de tudo tinha fome de Amor, pois minha mãe, Deus levou-a tinha eu 3 anos e o meu pai nunca esteve à altura de o ser. Esse amor comecei a senti-lo quando tinha 8 anos, pois foi com essa idade que fui encontrar a minha casa — a Casa do Gaiato. Nunca me faltou uma refeição. Nunca me faltou uma roupa lavada e em condições de se vestir e acima de tudo a educação. Nas Casas do Gaiato contam-se os rapazes por cerca de mil, não contando com os frutos que esta Obra já deu.

Eu pergunto:
Se não fosse o Pai Américo e os Padres continuadores da Obra da Rua, como estes nossos amigos que se vão lembrando de nós, — pois são estes que nos mantêm — que seria de nós?! Com certeza uns inúteis, que não tínhamos um lugar na sociedade e que só serviríamos para a arruinar. Dou graças a Deus por ter encontrado um Lar.

Acabei há pouco o serviço militar e, amanhã, quando tiver o meu lar, resta-me uma alegria infinita que será transmitir aos meus que fui criado na Obra de Pai Américo e a educação não faltará aos meus filhos.

Gostaria que tivéssemos mais benfeitores. Às vezes vêm-se rapazes presos por roubar. Fazem-se comentários. Fala-se nas Casas do Gaiato e recorrem a elas. Mas esses senhores não se lembram que para entrarem mais rapazes para as Casas do Gaiato tem que haver mais quem nos ajude? Era tão bom que a Obra da Rua pudesse valer a todos que batem às nossas portas!

FUTEBOL — Já lá vão uns dois meses que escrevi uma pequena crónica para pedir equipamentos

e sobretudo botas de futebol. Ao fazê-la, os meus pedidos eram feitos ao nosso bom povo de Lourenço Marques. Agora não o faço. Quando se alcança algo que desejamos, nunca vem donde esperamos! Agora apelo para todos os cantos do mundo, que é até onde chega o nosso jornal, para pedir o que o nosso povo de Lourenço Marques não pôde satisfazer. Precisamos de equipamentos, mas especialmente de botas.

Quero agradecer a um nosso amigo anónimo que quis contribuir com alguma coisa; ofereceu-nos um par de joelheiras e cotoveleiras.

Muito obrigado.

José Maria Raposo

A venda do Jornal por terras da Beira

É certo que está a mais de meio o período das férias e a venda de «O Gaiato» em Coimbra tem sido mais fraca. Mas como já é tradição, não perdemos a oportunidade de ir às praias, porque também lá temos muita gatinha amiga e, por isso, não devemos perder a amizade destes amigos que tanto nos querem, e que tanto nos ajudam, mas acima de tudo, amam-nos.

Ainda a respeito do nosso jornal, na venda somos 16 vendedores e estamos assim distribuídos:

Para Leiria, vai o Domingos; para Tomar vai o Benjamim; e para a Figueira da Foz, Francisquito, Jorge, «Véstias» e Lita. Este vai sair brevemente, porque já está a passar à reforma, isto é, já é um homenzinho; é pena que tenha de sair pois é um dos melhores vendedores. Enfim, temos que remediar o lugar dele da melhor maneira. Depois segue-se Coimbra com os seguintes: Nicolau, Eliseu, Augusto, «Chapelinho», «Banana», Macedo, Miranda, «Torrado», «Escaravelho», «Pretito», que é o meu apelido. Eu só faço a venda em Coimbra, como também a de Castelo Branco; e o «Escaravelho» também não só a de Coimbra como a da Covilhã e Fundão.

No verão o «Véstias» vai à Curia, o Augusto ao Luso e os outros vão a Monte Real, S. Pedro de Moel, S. Martinho do Porto e Praia de Mira.

A venda na Lousã e em Miranda é a habitual. Nesta época vendemos 3600 jornais e depois voltamos aos 3.000.

Geralmente somos muito estimados em toda a parte. Há muitas pessoas amigas que gostam muito de nos receber em suas casas e dão-nos muitas prendas. Todos gostamos de vender o jornal. Há também muita gen-

te, que pensa que a venda do jornal é um emprego. Não é, nunca foi nem é praticamente para ganhar dinheiro, mas sim para levar uma mensagem de Amor.

Eu digo isto porque há pessoas que não conhecem a nossa Obra, e mandam-nos trabalhar porque temos bom corpo; isto é uma opinião um pouco infeliz...

Eu quando vou para a venda do jornal, a minha primeira preocupação é procurar ser o melhor vendedor. Quando a venda não corre bem, é certo que fico desanimado. Não sei se com os outros acontece a mesma coisa. Mas é natural que sim, eu pelo menos tem obrigação de ser.

Antes de terminar quero fazer uma pequena apresentação de todos os vendedores. Em primeiro lugar, temos o «Lita» que fez o 5.º ano do Liceu e este ano diz que conta fazer o 7.º ano; o Domingos passou para o 4.º; o Nicolau passou para o 3.º; o Benjamim para o 2.º; o Jorge ficou no 1.º; o Augusto, o Eliseu e o «Véstias» estão empregados e estudam na Escola da noite. Os outros, uns estão nas oficinas, outros nas obras e outros na escola. Iremos frequentar a Telescola.

Assim ficais vós a saber mais um pouco da nossa vida, para ainda melhor nos entendermos e amarmos.

Manuel António «Pretito»

Paço de Sousa

A FAMÍLIA CRESCE — Publicamos a seguir uma gravura do Nuno Miguel Vaz Cardoso, filho da



O filho do Acácio

Arlinda e do Acácio — natural da Guiné, que foi da nossa Casa de Paço de Sousa. Parabéns à família Acácio!

Henrique Ribeiro Fernandes

VISTAS de DENTRO

São 11 da noite. Estou de castigo no escritório. Os meninos da casa-mãe portaram-se mal; ficaram a dar batata e a rematar limpezas. E eu estou para arbitrar o fim do desafio.

Os ralos cantam. Pela janela aberta entra sem licença o doce hábito das tília. As luzes que P.e Abraão inventou, dão cor nocturna à nossa Aldeia. Há também um pouco de luar, coado por leve neblina. Grandes e pequenos, cada qual na sua televisão, deixam lugar ao silêncio, que só as vozes da Natureza cortam.

Penso no mundo urbano, onde existem formas de poluição que afrontam todos os sen-

tidos do homem e até o seu espírito. Saboreio o caminho longo que me trouxe da urbe ao campo. Como Deus é bom e amigo! Que valores Ele nos oferece! Quantas vezes os não aceitamos! Quantas mais os não apreciamos... e nos deixamos vencer pelos desvalores que o homem gera em suas loucuras.

O mundo é belo e devia anunciar aos homens a Beleza iniciada para que fomos feitos. Nesta hora sinto uma profunda e terna gratidão pelo nosso Deus, que é Bom e Pai. E um desejo intenso de gastar-me na esperança de um mundo melhor.

Amanhã, depois, fora do contexto poético que agora me cerca, sentirei tantas vezes cansaço, impressão de inutilidade e o desejo mau de pousar os braços.

Que o silêncio, a brandura, a paz que esta noite transpira nos contagie para sempre e revigore forças para lutar até ao último suspiro, por um mundo melhor, mais justo e mais belo, que preuncie aos homens a Pátria definitiva para onde caminhar.

x x x

Que hora do Céu o nosso Terço!

Costumo sentar-me na base do cruzeiro frente à comunidade dos mais pequenos nas escadas da Capela. Ao lado, nas das Escolas, os mais velhos. É um quadro irregular e belo, feito de pineladas vivas, que me recorda a paisagem tão humana da Ribeira do Porto vista da outra margem, a qual nunca deixou de me enternecer, por muitas vezes que a tenha visto e a reveja.

Muitos cuidam que é um «vomitar de palavras» aquela sucessão de Pai-Nossos e Ave-Marias. Que engano! Eu também não sou capaz de estar fisicamente atento ao que os meus lábios dizem, aqueles quinze ou vinte minutos de oração. Nem mo consentiam meus companheiros mais próximos — porque eu não estou sôzinho na base do cruzeiro.

Areias do Cavaco

Cont. da SEGUNDA página

decermos a presença amiga da multidão que nos rodeava, uma voz nos segreda aos ouvidos: «Obrigados estamos nós por tudo a que nos foi dado ver».

Quando estas notas saírem para a rua as nossas Festas estarão no fim. Dia 5 em Nova Lisboa, no Ruacaná, estivemos com os amigos daquela zona. Foi a segunda vez. Neste momento vivemos ainda na esperança, que queremos seja certeza, de encontrarmos uma casa cheia. No dia 16, foi a vez da cidade da Ganda. Vivemos também na mesma es-

perança. Temos pena de não nos encontrarmos no Cubal, este ano, com aquele bom povo que nos estima e a quem muito queremos também.

Momento altos da nossa vida os que acabamos de viver. O preço foi o esforço feito por todos, desde os mais pequeninos — os «Batatinhas» — aos mais crescidos; e também a alegria que levamos a pequenos e grandes que conosco estiveram nas cidades por onde andámos.

Para todos o nosso muito obrigado.

Padre Manuel António



Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

E não fôra a amizade complacente de duas ou três casas comerciais, onde nos fornecemos, já teríamos parado as obras e despedido os trinta e oito operários que nelas ganham o seu pão e levantam o nosso Lar.

Dia a dia têm aparecido algumas ajudas, que nos mantêm firmes na esperança, que mais se aviva nas horas de provação. Mas não deixa de ser uma cruz pesada, esta de ter de angariar para os homens de amanhã, que a sociedade hoje rejeita e a quem mais tarde tem para oferecer as celas das cadeias. Sei que o Governo da Província tomou a peito construí-las com todos os requisitos modernos e humanos, para aqueles a quem a lei tem de privar da liberdade. Mas não vejo que mais alguma coisa paralela a nossa consciência ou o Tribunal de Menores façam para subtrair ao número dos futuros habitantes aqueles para quem foram proclamados mundialmente os «Direitos da Criança».

Sei que se gastam por mês e por ano milhares de contos com paliativos a «desajustados» adultos, que não melhoram em nada a saúde económica da sociedade, antes continuam nela como parasitas. As crianças continuam à espera. Já assim foi com o «justo». A resposta do homem é sempre a mesma, porque os homens são sempre iguais. Nestas circunstâncias apetece pedir perdão àqueles que nos batem à porta, por os trazermos enganados. Pedir perdão, não por mim mas por aqueles que deviam ajudar e não ajudam; que deviam conhecer o problema e a vida da criança abandonada, mas na sua vida que tanto prezam nem se dignam pôr os pés no chão com receio de os sujar, como se não andassem todos sujeitos com tamanha falta.

Há dias, veio ao meu encontro, na rua, um rapaz dos seus doze anos. A roupa em tiras; o lixo acumulado no corpo, e tanto que o fazia mais negro. Não, não era branco, se não o leitor estremecia. Perguntei-lhe pelo pai e pela mãe; um morreu,

De há uns tempos a esta parte o grupo dos «batatinhas» (os mais pequeninos) tem vindo a engrossar. Um após outro, este grupinho vai aumentando. Como facto natural que é, e dentro da concepção de «família», a prole jamais termina. Verificamos assim que os antigos «batatinhas», porque hoje mais idosos, passaram ao escalão superior — «os batatas». César, juntamente com Xico e Julito, já não varrem ruas nem cortam as ervas da calçada. Têm agora a missão de ceifeiros para a erva do gado. São «batatinhas grandes»!...

A presença do Nuno, Bernardo, Luís Filipe, «Bolinhas», Francisquito, Sebastião, «Grilo»,... veio trazer-nos mais alegria e espontaneidade ao

o outro não sabe dele há muito. Anda pela cidade a pedir. O seu coração não mentia. Nem eu lhe menti: «Não posso levar-te. Não tenho lugar para mais. Lá em Casa já dormem no chão e não há lugares à mesa». Porque falta lugar para ti no coração de muita gente — apetece-me dizer-lhe.

Padre José Maria

Setúbal

ambiente. Enchem-nos o coração! São pedras-base nesta «Família Imensa» que é a Obra da Rua. Esta divide-se por escalões, consoante as idades. E as idades passam avassaladoras... As crianças de ontem são os homens de hoje. Estes que assumem os cargos de maior responsabilidade. Estes que são os chefes, os verdadeiros sustentáculos da Obra. Os que pela sua capacidade de discernimento e de amadurecimento representam valores mais altos numa longa escalada tendente a regenerar o «vadiozito» de outrora no homem válido do presente.

Fausto é o chefe desta prole de miúditos. É ele que vai orientando as suas actividades. E porque é carinhoso e paciente, os miúdos adoram-no. Fausto fez o 1.º ano da Telescola. É quase tão miúdo como eles. Uma criança a despontar num homem!...

«Parreirita» veio recentemente com mais dois irmãos. Todos três irmãos dum outro que já era nosso — o Lopes. Este cresceu. É serralheiro, de dia. Estuda na Escola Industrial, de noite. Desempenha cargos de chefia dentro da vida da Casa. Uma razão directa em função das suas qualidades e do seu amadurecimento. E é assim que se vão realizando homens nesta forja imensa e intensa de amor. «Parreirita», tal como seus dois irmãos, à semelhança do irmão mais velho, será amanhã um digno chefe com que a Obra conta. Contamos em larga escala com os exemplos.

Os maiores, após cada dia de trabalho, encontram conforto nos mais pequeninos. A cada passo topamos nós com o tratamento familiar de «meu filho» na boca dos maiores em relação aos mais catraios. Constou-nos que «Bolinhas», Francisquito e Zé Maria têm

os seus «paizinhos». Quando os «grandes» regressam pela tardinha das suas lides quotidianas, é um espectáculo maravilhoso em colorido e ternura, ver a meninada empoleirada nas suas pernas e braços. Um Lar em toda a sua perspectiva salutar, humana e espiritual!...

X X X

Há em nossa Casa e convém realçá-lo! — um trio que assume foros de pitoresco. São protagonistas dele o Bernardo (ao que parece, o chefe da pandilha), o Luís Filipe e o Nuno. Andam sempre juntos. E juntos brincam. Conversam sobre temas que, supomos, apenas interessam aos três. Suas idades são aproximadas. Entre os seis e os oito anos. Por sistema, tal como se dão às mil maravilhas nas brincadeiras, assim se zangam muito frequentemente. Quase meio meio por meio. É um momento de paródia aberta. Num outro, tão de repente, estão em franca discórdia. Assiduamente um ou outro vêm queixar-se-me que o outro lhes bateu. E fazem queixas sem fim. Mas tudo, tal como num ápice nasce, nesse mesmo ápice se consuma. Tudo fulge rápido! A conclusão é sempre um abraço e a promessa de nenhum deles bater mais ao outro. Voltamos costas e tudo volta ao mesmo. Mais rixas e mais atracção amigável entre os três. Nestes corações pequeninos não há lugar para rancores, ódios ou dissensões. Tudo é natural, tanto em gestos como em atitudes. Inocência pura!... Um conjunto de situações, todas elas muito simples, como simples é o coração das crianças...

Rogério

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Novos leitores de «O Gaiato»

Na minha frente é uma multidão de novos assinantes de todo o mundo português!

Uma minuciosa análise da **precisão** revela-nos, hoje, que a chamada **provincia** tem ainda muita força — apesar de, infelizmente, sermos cada vez mais um País macrocefalo!

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Aí vão imagens do cortejo. Uma presença de S. Tiago de Riba Ul representa quantos se inscreveram directa e pessoalmente — ainda que motivados por outrém:

«Foi minha Prima — acentua esta nova leitora — quem me interessou pelo vosso simpático jornal. Eu ia à sua casa e lia «O Gaiato». Assim, falando no assunto da assinatura, a minha Prima deu-me todas as informações. Por isso, venho pedir o favor de me fazerem assinante... Desde já muito obrigado».

Aqui temos um trabalho perfeito!

A propósito de informações: São muitos os que perguntam condições d'ordem material. Não estranhemos. A primeira — a única — é ser verdadeiramente leitor ou leitora assídua. A segunda vem, naturalmente, por acréscimo.

Passa Elvas (a minha terra!), Estoril, V. N. Famalicão, vá-

rios da Amadora, Loures, Águeda, Carvalhos (Gaia), Fontelas (Caldas de Moledo), um grupo de Pinheiro da Bemposta, Madalena (Gaia) e um lote de Viana do Castelo e Vila Nova de Gaia.

Mais adiante, segue Peredes, Penafiel e Parada de Todeia (à nossa porta!), S. Mamede de Infesta, Fátima, Moita do Norte (Barquinha), Amarante, Oliveira do Douro (Gaia), e Beja.

Alto! Vem lá, agora, uma deputação de Coimbra — berço da Obra da Rua — com um médico à cabeça e uma legenda na mão:

«Com cumprimentos peço o favor de me mandar:

1.º A conta das anuidades que fiquei a dever, e recebi, do «Famoso»;

2.º Os anos a que diz respeito — e porque... um lamentável desleixo me levou a atitude que, a mim próprio não desculpo... peço desculpa!

3.º Depois de receber a importância que devo, quero que me considere novamente assinante e

4.º ... quantos anos estive sem receber (sem o enviarem) o «Famoso»...».

De vez em quando aparecem casos idênticos. E com idêntica amizade.

Mais Olival-Norte, Loureiro (Régua), Viseu, Marinha Grande, Vilar do Pinheiro, Redondo e Argoncilhe.

● PORTO E LISBOA

D'ambos os grandes centros registamos presenças simpáticas. De Lisboa salta-nos à vista um postal:

«Sou jovem e admirador do jornal «O Gaiato». Gostaria de ser vosso assinante, mas como sou estudante e terei de pagar das minhas economias, agradeço o favor de me informarem o valor da assinatura anual...».

Ó amizade! Entre a **precisão** seguem outros jovens. Venham mais e mais!

Já esclarecemos este Amigo. E repetimos: Se o leitor não puder arcar com o suave compromisso da assinatura — sem tabela e à vossa escolha — basta comunicar-nos. Poderá ser arrumado como, quando e se puder, como diria Pai Américo. Esta a velha regra do «Famoso».

Entre os portuenses surge uma tripeira, que nos diz: «Sempre que vejo vender o vosso jornal, compro. E gosto muito de o ler». Mas, como nem sempre encontra os nossos pequenitos, já não passa sem ele — é o que deduzimos. Por isso, agiu pelo seguro: inscreveu-se como assinante. Um exemplo. Aparecem muitos assim. E ainda bem. Apareçam mais!

● ULTRAMAR

Não é fácil — por vários motivos — descrever a **precisão** de angolanos. Só de Salazar passam à nossa frente 70 novos leitores! Mais Benguela, Calulo, Baía Farta, Caimbambo, Cubal e um grupo de Luanda.

A Costa do Índico marca presença com a Ilha de Moçambique, Beira e Ribaué.

E é tudo.

JÚLIO MENDES

Património dos Pobres

aonde ninguém iria importuná-lo se ele lá ficara estabelecido.

Os esforços para a solução de problemas urgentes da habitação rural nunca darão para fachada monumental. Mas é trabalho sério, a reflectir-se em consequências benéficas, em outros níveis sociológicos. São problemas pequeninos que, resolvidos, evitam problemas maiores — problemas de muita espécie.

Nós fazemos voto de esperança na nova Secretaria de Estado. Que a sua bandeira não seja outra (mas não «slogan» gasto): A Bem da Nação!

Cont. da PRIMEIRA página

tação da casa ainda incompleta, que há-de ir caminhando até ao fim consoante o fôlego de quem a levanta, mas que já é sua casa e quantas vezes, incomparavelmente melhor do que o barraco onde ele morava e

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

